

# 2ª Carta à Socialisme ou Barbarie

Anton Pannekoek

Dezembro de 1953

---

Fonte: [The Marxists Internet Archive](#)

---

Caro Camarada Chaulieu,

Foi com imenso prazer que constatei que tinham publicado na vossa revista *Socialisme ou Barbarie* uma tradução da minha carta, com anotações críticas, de modo a possibilitar aos vossos leitores a participação numa discussão de questões fundamentais. Como exprimem o desejo de continuar a discussão envio-vos algumas considerações sobre a vossa resposta. Naturalmente algumas divergências de opinião podem aparecer com mais clareza na discussão. Tais divergências são normalmente resultado de uma apreciação diferente do que se considera como pontos mais importantes, o que por sua vez está relacionado com a nossa experiência prática ou com o meio em que nos encontramos inseridos. Para mim foi o estudo das greves políticas na Bélgica (1893), na Rússia (1905 e 1917), na Alemanha (1918 a 1919), estudo por meio do qual tento chegar a uma clara compreensão do carácter fundamental de tais acções. O vosso grupo vive e trabalha no meio de agitação de classe dos operários de uma grande cidade industrial. Por consequência, a vossa atenção concentra-se completamente num problema prático: como se podem desenvolver métodos de luta eficazes para além da luta ineficaz dos partidos e das greves parciais de hoje em dia.

Evidentemente que não pretendo que as acções revolucionárias da classe operária se desenvolvam todas numa atmosfera de calma discussão. O que pretendo é que o resultado da luta frequentemente violenta, não é determinado por circunstâncias acidentais, mas sim pelo que é vivo no pensamento dos operários como base de uma consciência sólida adquirida pela experiência, pelo estudo ou pelas suas discussões. A decisão do pessoal de uma fábrica de entrar em greve não pode ser tomada dando murros na mesa, mas normalmente pela discussão.

Vocês põem o problema de uma maneira inteiramente prática: que faria o partido se tivesse 45% dos votos dos membros do Conselho e se esperasse que um outro partido (neo-estalinista que se esforçasse para conquistar o regime) tentasse apoderar-se do poder pela força? A vossa resposta é: deveríamos ultrapassá-lo fazendo nós o que tememos que ele faça. Qual será o resultado definitivo de tal acção? Reparem no que se passou na Rússia. Lá havia um partido, de bons princípios revolucionários influenciados pelo marxismo e, para mais, seguro de apoio dos Conselhos já formados pelos operários. No entanto foi obrigado a apoderar-se do poder, e o resultado foi o estalinismo totalitário (Quando digo "foi obrigado" quero dizer que as circunstâncias não estavam suficientemente maduras para uma revolução proletária. No mundo ocidental, onde o capitalismo está mais desenvolvido, as circunstâncias estão certamente mais maduras: a medida é dada pelo desenvolvimento da luta da classe). Devemos, portanto, pôr a pergunta: A luta do partido, tal como vocês a põem, poderá salvar a revolução proletária? Parece-me que seria antes um passo para uma nova opressão.

Claro que haverá sempre dificuldades. Se a situação francesa ou mundial exigissem em massa dos operários, os partidos comunistas tentariam, imediatamente, transformar a acção numa demonstração pró-russa no quadro do partido. É preciso lutar energeticamente contra estes partidos. Mas não os podemos

bater utilizando os seus métodos. Isso só será possível com os nossos próprios métodos. A verdadeira forma de acção de uma classe em luta é: a força dos argumentos, baseada no princípio fundamental da autonomia das decisões! Os operários não se podem precaver contra a opressão vinda do partido comunista senão desenvolvendo e reforçando o seu próprio poder de classe, o que quer dizer a sua vontade unânime de tomar sob o seu controle os meios de produção e de os gerir.

A principal condição para a conquista da liberdade da classe operária é que seja enraizada na consciência das massas a concepção do auto-governo e da auto-gestão do aparelho de produção. Isto está, em certa medida, de acordo com o que escreve Jaurés sobre a Constituinte, na sua História Socialista da Revolução Francesa:

"Esta assembleia nova, acabada de reunir, discutindo assuntos políticos, sabia frustrar todas as manobras da Corte. Porquê? Porque possuía algumas grandes ideias, longa e seriamente amadurecidas que lhe davam um panorama claro da situação." (traduzido do holandês)

Claro que os dois casos não são idênticos. Em vez das grandes ideias políticas da revolução francesa trata-se das grandes ideias sociais dos trabalhadores, isto é: a gestão da produção por uma cooperação organizada. Em vez de 500 deputados seguros das suas ideias abstractas, adquiridas pelo estudo, os trabalhadores serão milhões guiados pela experiência de toda uma vida de exploração no trabalho produtivo. Eis porque vejo assim as coisas.

A tarefa mais nobre e mais útil de um partido revolucionário é a de, por meio da sua propaganda em mil pequenos jornais, brochuras, etc., enriquecer o conhecimento das massas no processo de uma consciência cada vez mais clara e mais vasta.

Agora algumas palavras sobre o carácter da revolução russa.

A tradução da expressão inglesa "middle class revolution" por revolução burguesa não exprime perfeitamente o seu significado. Em Inglaterra quando a dita classe média tomou o poder era formada, em grande parte, por pequenos capitalistas ou homens de negócios proprietários do aparelho industrial de produção. A luta de classes era necessária para arrancar a aristocracia do poder, mas, não obstante, esta massa não era ainda capaz de se apoderar por si própria do aparelho de produção. Num capitalismo tão desenvolvido, os operários só podem esperar a capacidade moral, espiritual e de organização através da luta de classes. Na Rússia a burguesia não era importante. A consequência foi que da vanguarda da revolução iria nascer uma nova "classe média" como dirigente do trabalho produtivo, gerindo o aparelho de produção, e não como um conjunto de proprietários individuais possuindo cada um uma certa parte do aparelho de produção, mas como proprietários do aparelho de produção na sua totalidade.

Em geral pode-se dizer: se as massas trabalhadoras (dado que são produto das condições pré-capitalistas) não são capazes de tomar a produção nas suas próprias mãos, então inevitavelmente, uma nova classe dirigente tornar-se-á senhora da produção. É esta concordância que me fazia dizer que a revolução russa (no seu carácter essencial e permanente) era uma revolução burguesa. Claro que o poder de massas do proletariado era necessário para destruir o poder do anterior regime (e foi por isso uma lição para o os trabalhadores do mundo inteiro). Mas uma revolução social só pode obter o que corresponde ao carácter das classes revolucionárias, e se o maior radicalismo possível era necessário para vencer todas as resistências, mais tarde tornava-se necessário voltar atrás.

Isto parece ser regra geral em todas as revoluções até hoje.

Até 1793 a revolução francesa tornou-se cada vez mais radical até que os camponeses se tornaram

definitivamente donos da terra, e os exércitos estrangeiros foram repelidos. Nessa altura os jacobinos foram massacrados e o capitalismo faz a sua entrada como novo patrão. Vendo as coisas assim, o curso da revolução russa foi o mesmo das revoluções precedentes que derrotaram o poder na Inglaterra, na França e na Alemanha. A revolução russa não foi de modo algum uma revolução proletária prematura. A revolução proletária pertence ao futuro.

Espero sinceramente que esta explicação, se bem que não elementos novos, possa ajudar a clarificar algumas divergências nos nossos pontos de vista.

Saudações fraternais

Vosso

Ant. PANNEKOEK